

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT08.019

# A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DE COMUNICAÇÃO DOS POVOS DA CAPIVARA POR MEIO DAS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

Glezione Ribeiro de Castro<sup>1</sup>  
Vanessa Nascimento dos Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa discute a construção imagética de comunicação das populações ancestrais que habitaram a região do Parque Nacional Serra da Capivara, a partir da análise das representações rupestres enquanto forma de linguagem simbólica e coletiva. A pesquisa parte da compreensão de que, antes da escrita formal, a imagem já constituía um meio de expressão e registro cultural, permitindo a transmissão de experiências, crenças e modos de vida. Amparada pela semiótica social, a investigação interpreta os grafismos rupestres como signos que comunicam significados compartilhados pelos grupos que os produziram. Visto que ao observar as figuras rupestres nos diferentes sítios arqueológicos da região que compõe o Parque Nacional Serra da Capivara observa-se a repetição ou a semelhança em muitos dos desenhos gravados nas rochas, assim, por meio da análise desses registros, com o auxílio da arqueologia e da antropologia, buscaremos identificar os signos linguísticos. Ao realizar uma primeira análise das representações rupestres

1 Mestranda do Curso de Educação Inclusiva da Universidade Federal do Vale do São Francisco- UNIVASF, [glecioneribeiro@email.com](mailto:glecioneribeiro@email.com);

2 Professora orientadora: Doutora em Ciências pela USP, Professora do Colegiado de Química da Universidade Federal do Vale do São Francisco- UNIVASF, [vanessa.nsanetos@univasf.edu.br](mailto:vanessa.nsanetos@univasf.edu.br).

percebe-se que a composição e contexto nos remetem a símbolos de expressão do cotidiano, práticas rituais e interações sociais, revelando um sistema de comunicação visual organizado. As imagens coletadas foram observadas sob a perceptiva de conceitos ligados à informação na semiótica social, e nos conceitos de iconografia e iconologia, que vêm sendo utilizados para o enriquecimento teórico e metodológico da representação imagética. Por meio da categorização e comparação desses registros, identificam-se padrões que apontam para um vocabulário simbólico comum, configurando um sistema linguístico não verbal. A análise demonstra que as representações rupestres não apenas documentam atividades humanas, mas também expressam a construção de sentidos coletivos, reforçando o papel da cultura na formação das linguagens humanas. Assim, as imagens da Serra da Capivara constituem testemunhos significativos da capacidade humana de simbolizar e comunicar, evidenciando a continuidade entre passado e presente no imaginário local.

**Palavras-chave:** Representações rupestres; Semiótica social; Linguagem visual; Cultura ancestral; Comunicação simbólica.

## 1 INTRODUÇÃO

A ação de informar através das imagens é praticada pela humanidade desde sua ancestralidade até os dias atuais. Mesmo dependendo de um contexto compartilhado pelo emissor e pelo receptor, a imagem serve para passar a informar. E se o contexto for compartilhado por noções de línguas diferentes, a imagem veiculada será compreendida por todos.

Antes do surgimento da escrita formal, o gesto e o traço serviam como formas de comunicação e registro das experiências humanas. Ao desenhar nas rochas, a humanidade expressava suas ideias, transmitia informações e preservava histórias capazes de atravessar gerações. As figuras rupestres, portanto, representavam mais do que simples ilustrações, eram manifestações simbólicas que revelavam modos de pensar e de se relacionar com o mundo. No século XX, essas representações passaram a ser reconhecidas como um sistema de comunicação, e, sob a ótica da semiologia, foram interpretadas como códigos simbólicos que podem ser lidos como textos visuais, compostos por signos que comunicam significados não verbais e revelam uma estrutura interna semelhante à da linguagem.

As representações rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara (PARNA Serra da Capivara), localizado no sudeste do estado do Piauí, constituem um dos mais expressivos registros da comunicação simbólica dos povos pré-históricos das Américas. Gravadas em paredões rochosos que resistem há séculos, essas imagens revelam muito mais do que meras cenas de caça, rituais ou danças, isto é, expressam modos de pensar, de interagir e de significar o mundo. Cada traço e forma traduz uma intenção comunicativa, uma visão de realidade, e demonstra que, antes mesmo do surgimento da escrita, o ser humano já utilizava a imagem como meio de representação e de partilha de sentidos.

Este estudo parte da análise das figuras rupestres do PARNA Serra da Capivara, buscando compreender sua dimensão simbólica e comunicativa à luz da semiótica e dos estudos da linguagem. Sob essa perspectiva, o exame das pinturas e gravuras rupestres permite refletir sobre o desen-

volvimento das práticas de significação que antecederam a linguagem verbal. A análise dessas manifestações gráficas revela nelas uma forma ancestral, porém complexa, de comunicação visual que ultrapassa fronteiras temporais e geográficas. Assim, a arte rupestre configura-se não apenas como testemunho arqueológico, mas também como um registro simbólico da construção da cultura e da cognição humanas.

De acordo com Kress e Van Leeuwen (2001), as imagens não são elementos neutros de comunicação, mas signos culturalmente situados que refletem modos de ver e de representar o mundo. Nessa perspectiva, a análise das imagens pré-históricas pode ser entendida à luz da semiótica social, que considera o significado como resultado das práticas sociais e das condições históricas nas quais os signos são produzidos e interpretados. As figuras rupestres, portanto, constituem um discurso visual que expressa valores, crenças e modos de organização social de comunidades que viveram na região há milhares de anos.

A pesquisa foi desenvolvida no PARNA Serra da Capivara, localizado no sudeste do Piauí, criado pelo Decreto Presidencial nº 83.548/1979 com o objetivo de proteger a fauna, a flora e o valioso patrimônio arqueológico da região. Atualmente, o parque abrange cerca de 130 mil hectares e reúne a maior concentração de sítios arqueológicos das Américas, com centenas de pinturas e gravuras rupestres que revelam aspectos culturais e simbólicos das populações pré-históricas que habitaram o local há cerca de 25 mil anos. As descobertas conduzidas pela arqueóloga Niéde Guidon e pela Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) deram projeção internacional ao parque, que, em 1991, foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural e Natural da Humanidade, consolidando-se como um dos mais importantes registros da presença humana nas Américas.

Atualmente, existem muitas pesquisas sobre as representações rupestres, concentradas principalmente nos campos da Arqueologia, Antropologia e História, mas ainda são escassos os estudos voltados à área da linguagem. Diante dessa lacuna, destaca-se a relevância deste trabalho, que busca contribuir para a compreensão do contexto cultural em

que essas manifestações foram produzidas, considerando a recorrência e a semelhança de figuras observadas em diferentes sítios arqueológicos da área de conservação e de seu entorno. A análise realizada evidencia que a composição e o contexto das imagens remetem a símbolos do cotidiano, expressando práticas, rituais e modos de vida das populações que habitaram a região em tempos remotos.

O trabalho foi estruturado em dois momentos complementares. No primeiro, apresenta-se um panorama histórico sobre a concepção de linguagem, destacando sua relação com a comunicação e a cultura à luz da semiótica social, que permite compreender os processos de significação nas práticas humanas. No segundo, analisa-se o conjunto de figuras rupestres do PARNA Serra da Capivara como forma de linguagem visual e simbólica, observando-se a recorrência de traços e padrões que revelam possíveis códigos compartilhados entre os povos que habitaram a região. A pesquisa, apoiada nos referenciais da Arqueologia e da Semiótica, busca interpretar essas manifestações como expressões de comunicação e cognição, evidenciando na arte rupestre um sistema imagético de linguagem preservado ao longo do tempo.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar a construção imagética de comunicação das populações ancestrais que habitaram a região do PARNA Serra da Capivara, a partir do estudo das representações rupestres e da composição dos signos linguísticos nelas presentes. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender de que maneira esses registros visuais podem ser interpretados como manifestações linguísticas e comunicativas, revelando aspectos simbólicos e culturais das sociedades que os produziram.

## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, fundamentado em princípios da semiótica social e dos estudos da imagem. Essa opção meto-

dológica parte da compreensão de que o fenômeno investigado, isto é, a comunicação imagética dos povos da Capivara não pode ser quantificado, mas interpretado à luz de seus significados culturais, simbólicos e comunicacionais.

A pesquisa foi estruturada a partir de uma revisão bibliográfica e documental, envolvendo autores que tratam da linguagem visual, da arqueologia da arte rupestre e da semiótica social, tais como Kress e Van Leeuwen (2001), Santaella (2012), entre outros. A revisão teórica permitiu compreender os fundamentos conceituais necessários para a leitura e análise das representações rupestres enquanto práticas comunicativas.

Para a coleta de dados, foram utilizados registros fotográficos e estudos científicos produzidos por instituições que atuam na região da Serra da Capivara, especialmente as publicações da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) e de pesquisadores vinculados à Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). A seleção do material foi orientada por critérios de relevância histórica, diversidade temática e representatividade imagética, priorizando conjuntos pictóricos que expressassem ações humanas, interações sociais e elementos da fauna e flora locais.

A análise foi conduzida de forma interpretativa, buscando compreender como os elementos visuais, como (linhas, movimentos, proporções e composições) se articulam na construção de significados. A metodologia adotada insere-se, portanto, em uma perspectiva semiótica e comunicacional, considerando a imagem como signo e linguagem. Conforme Halliday (1978), a linguagem, em qualquer de suas formas, é um sistema de escolhas que expressa práticas sociais; assim, a leitura das pinturas rupestres pressupõe a observação das condições culturais que as originaram.

O procedimento analítico envolveu três etapas principais. Na primeira, realizou-se a descrição dos elementos visuais mais recorrentes nas representações selecionadas. Na segunda, procedeu-se à identificação dos temas e ações representados, como: cenas de caça, rituais, danças,

encontros e representações simbólicas. Por fim, na terceira etapa, buscou-se interpretar o potencial comunicativo dessas imagens, relacionando-as ao contexto cultural dos povos que as produziram.

A partir dessa estrutura metodológica, o estudo propõe uma leitura das representações rupestres como textos visuais que comunicam narrativas sociais e coletivas, revelando a presença de uma linguagem simbólica organizada. A metodologia semiótica possibilita compreender que cada imagem é uma escolha significativa e que, ao ser produzida, reflete valores, crenças e modos de ver o mundo. Assim, a análise ultrapassa o aspecto estético e alcança o campo do simbólico, onde a imagem torna-se uma forma de enunciação cultural e histórica.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 UM BREVE HISTÓRICO DA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM

O ser humano sempre demonstrou profundo interesse pela linguagem, não apenas por seu poder de nomear, criar e transformar o mundo, mas também pela função social que desempenha na construção das relações humanas. É por meio dela que compartilhamos experiências, expressamos pensamentos e projetamos possibilidades sobre o que foi, o que é e o que ainda poderá ser, revelando assim a amplitude e a complexidade do ato de comunicar.

Assim, toda forma de linguagem se manifesta em um contexto social e tem como finalidade a comunicação. Dessa maneira, não há sociedade sem linguagem, nem linguagem sem comunicação. Conforme afirma Petter (2010, p. 11), a linguagem “constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem”.

Ao longo da história, a concepção de linguagem passou por diversas transformações, acompanhando os contextos ideológicos e científicos de cada época. Até o século XVIII, prevaleceu uma visão teológica, centrada

na ideia de origem divina e nas regras universais da lógica. No século XIX, surgiu uma concepção historicista, que compreendia a linguagem como um processo em constante evolução. Já no século XX, especialmente a partir da década de 1970, ocorreu uma mudança significativa: a linguagem deixou de ser entendida apenas como expressão do pensamento para ser reconhecida como instrumento de interação e comunicação social. Nessa perspectiva, a linguagem constitui um sistema dinâmico e coletivo, no qual a língua se destaca como um de seus elementos essenciais, pois, como afirma Flusser (2008, p. 22), “tudo o que se produz como linguagem tem lugar na troca social para ser comunicado”.

Na comunicação social, estabelece-se um “contrato firmado naturalmente entre os indivíduos, no qual cada participante assume simultaneamente o papel de emissor e de emissário da mensagem, atuando em duplo papel no sistema de comunicação” (Cintra, 1994, p. 20). Isso significa que o indivíduo não transmite uma mensagem que ele próprio não seja capaz de decodificar. Nesse processo comunicativo, constroem-se e circulam signos compartilhados, compreendidos tanto dentro do mesmo grupo social quanto entre grupos próximos, em razão das experiências culturais e linguísticas que os conectam (Cintra, 1994, p. 21).

Para Saussure (1969), a língua constitui um sistema de signos, um conjunto organizado de unidades que se relacionam entre si e formam um todo. Trata-se da dimensão social da linguagem, exterior ao indivíduo e regida por convenções compartilhadas pelos membros de uma comunidade, o que impede que seja modificada de maneira isolada pelo falante. Nessa mesma perspectiva social, Halliday (1978) compreende a linguagem como um sistema de significados e de elementos semióticos utilizados pelas pessoas para interagir e construir sentidos. Assim, a linguagem pode ser entendida como o resultado das escolhas realizadas pelos indivíduos em diferentes contextos comunicativos, revelando a relação dinâmica entre estrutura social e produção de significados.

O termo linguagem possui um uso amplo e não especializado, podendo referir-se a diferentes formas de expressão, como a dança, a

música, a pintura ou a mímica. Todas essas manifestações, verbais ou não verbais, compartilham um aspecto comum: são sistemas de signos utilizados para a comunicação. A partir dessa característica universal, desenvolveu-se uma ciência dedicada ao estudo dos signos, sendo denominada Semiologia por Saussure (1969) e Semiótica por Peirce (2005). Assim, compreende-se a linguagem como um sistema simbólico que permite ao ser humano representar, interpretar e atribuir sentido ao mundo e à realidade.

Aprender uma língua significa compreender não apenas as palavras, mas também seus significados culturais e os modos pelos quais as pessoas de um determinado meio social interpretam a realidade e a si mesmas (Brasil, 1997). Portanto, a linguagem pode ser entendida como um sistema simbólico fundamental da humanidade, resultado de um processo histórico e social que reflete as múltiplas formas de expressão desenvolvidas pelo ser humano que corresponde desde os desenhos em grutas às manifestações artísticas, como danças e músicas. Nessa perspectiva, “pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido” (Santaella, 2012, p. 2).

### 3.2 SEMIÓTICA SOCIAL E A LINGUAGEM

A Semiótica é a ciência que investiga todas as formas de linguagem, examinando os modos pelos quais os fenômenos produzem significação e sentido (Santaella, 2012, p. 2). Assim, enquanto a significação constitui o foco central da semiótica, os processos de produção e recepção dos signos são abordados pela Semiótica Social, que considera o contexto cultural e social em que esses sentidos são construídos.

A Semiótica Social surgiu como uma crítica à semiótica tradicional, marcando o início de uma fase pós-estruturalista dos estudos sobre linguagem e significado. Diante da ausência de uma prática analítica que explicasse como os sentidos são construídos socialmente, Hodge e Kress

(1988), baseando-se na concepção de Halliday (1978) de linguagem como Semiótica Social, propuseram uma abordagem centrada nas funções sociais da linguagem. Nessa perspectiva, a significação é compreendida como um processo social, no qual a semiose humana se manifesta em contextos, funções e efeitos historicamente situados, abrangendo “os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana” (Hodge e Kress, 1988, p. 261).

Nesse contexto, todas as formas de representação produzidas pelo ser humano ao longo da história tornam-se objeto de estudo da Semiótica Social, cujo principal propósito é a exploração dos significados construídos socialmente. Para tanto, considera-se fundamental compreender as dinâmicas culturais e ideológicas que moldam esses processos de significação. Nessa perspectiva, a Semiótica Social baseia-se “na forma como as pessoas usam os recursos semióticos para produzirem artefatos comunicativos e eventos e para interpretá-los, o que constitui uma forma de produção semiótica no contexto de situações sociais e práticas específicas” (Van Leeuwen, 2005, p. 11).

Para a Semiótica Social, dois níveis são fundamentais: a representação e a comunicação. O primeiro envolve um processo complexo de produção de significados, enquanto o segundo reflete a história cultural, social e psicológica de quem produz o signo (Santos e Pimenta, 2014). A representação de um objeto, portanto, depende do contexto e das experiências do produtor do signo, bem como das condições em que ele é criado. A escolha dos elementos visuais busca garantir que a mensagem seja compreendida no contexto de sua produção, pois “é necessário que o interpretante tenha conhecimento semiótico para entender uma mensagem” (Kress e Van Leeuwen, 2001, p. 8).

Ao analisar as figuras rupestres da Serra da Capivara, pode-se compreender que os povos que habitaram a região utilizavam essas representações como forma de comunicação. Para aquele período, os desenhos gravados nas rochas constituíam sua principal forma de regis-

tro e expressão, funcionando como uma escrita visual capaz de narrar acontecimentos, costumes e crenças, como se observa na Figura 01. Acredita-se que os signos ali produzidos eram compreendidos coletivamente, uma vez que refletiam a cultura e o contexto social dos povos da Capivara. Assim, emissores e receptores compartilhavam o mesmo repertório simbólico e possuíam o conhecimento semiótico necessário para interpretar essas representações.

**Figura 01** - Cena de sexo no Sítio Entrada do Baixão da Vaca



**Fonte:** Foto da autora, 2025.

Ainda nesse contexto, Kress e Van Leeuwen (2001) destacam que a articulação e a interpretação estão interligadas, uma vez que a comunicação depende da “comunidade interpretante”. Assim, compreender os signos de uma determinada cultura requer o conhecimento do contexto social e simbólico no qual foram produzidos. As representações rupes- tres, por exemplo, constituem uma forma de linguagem que só pode ser plenamente entendida quando o interpretante reconhece os significados atribuídos pelos povos daquele período. Dessa maneira, a efetivação da comunicação depende da relação entre quem produz e quem interpreta o signo.

### 3.3 OS SIGNOS E A LINGUAGEM

Desde os primórdios, o ser humano manifesta a necessidade de expressar pensamentos e sentimentos, o que o levou a desenvolver diferentes formas de comunicação. Inicialmente, utilizou gestos, sinais e sons como meios de interação, até chegar à representação visual por meio dos desenhos nas cavernas, ou seja, as chamadas representações rupestres, que marcaram o surgimento da escrita. Assim, movido pelo desejo de comunicar-se, o homem criou múltiplas linguagens que lhe permitiram registrar experiências, compartilhar ideias e construir vínculos sociais.

A linguagem é um sistema de signos utilizado para indicar coisas, comunicar-se e expressar ideias, valores e sentimentos (Chauí, 2000, p. 177). Por meio dela, o ser humano compreende o mundo, organiza seus pensamentos e se relaciona socialmente. Considerada uma via de acesso ao mundo e ao pensamento, a linguagem tem o poder de nos envolver e habitar, revelando-se como uma experiência singular e transformadora (Chauí, 2000, p. 185). Assim, pode ser entendida como um instrumento simbólico que representa as coisas e as ideias, mediando nossa relação com a realidade e com o outro.

A comunicação por meio de sinais gráficos pode ser considerada uma das primeiras formas de escrita e expressão linguística. Ao longo da história, o ser humano buscou mecanismos para representar o mundo que o cercava, e as representações rupestres surgiram como testemunhos desse desejo de comunicar-se. Produzidas com corantes e pigmentos naturais sobre rochas, essas marcas deixadas pelos povos originários nas cavernas e paredões rochosos tornaram-se signos duradouros, que ainda hoje nos permitem compreender aspectos da realidade, da cultura e das experiências desses grupos em um determinado período histórico.

Cada cultura elabora sua própria forma de se relacionar com o tempo, de criar linguagem, mitos e crenças, de organizar o trabalho e as relações sociais, bem como de produzir arte e pensamento (Chauí, 2000, p. 62). Essa reflexão permite compreender os povos que habitaram a região hoje

conhecida como Parque Nacional Serra da Capivara, cujas representações rupestres revelam como se expressavam, percebiam o tempo e manifestavam sua cultura. Assim, a linguagem pode ser entendida como uma das mais significativas expressões humanas, capaz de produzir signos repletos de sentidos, o que reforça a importância de investigar e interpretar essas formas de comunicação ancestral.

O signo, segundo Santaella (2005, p. 8), “é qualquer coisa de qualquer espécie: uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo etc”. Ele representa algo distinto, denominado objeto do signo, e é capaz de produzir um efeito de interpretação, conhecido como interpretante. A ciência que se dedica ao estudo da vida dos signos no interior das relações sociais é a semiótica, que permite analisar qualquer manifestação humana “desde um suspiro, uma música, um teorema, uma pintura, um livro, publicidades impressas ou televisivas, incluindo a percepção que temos delas, na sua natureza de signos e misturas entre eles” (Santaella, 2005, p. 11).

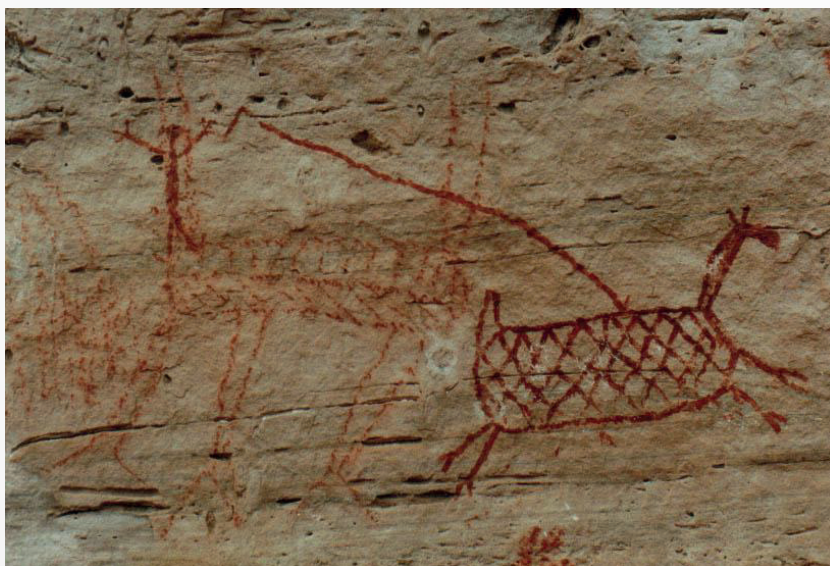
O homem enquanto ser social, possui a necessidade em comunicar-se, seja como emissor ou como receptor da mensagem. No entanto, para que ocorra a comunicação é preciso a utilização de um sistema qualquer de sinais, os signos, devidamente organizados. Como integrante de uma comunidade, o homem é provido de valores e crenças que são transmitidos uns aos outros, o que acontecia por meio de grafismos para ilustrá-los. Essa forma de linguagem possibilitou o registro e preservação de culturas de povos, bem como contribuiu no compartilhamento de conhecimentos, que inicialmente eram mantidos vivos somente na memória das pessoas e transmitidos entre os integrantes dos grupos.

Mesmo com o apoio das teorias da semiótica, compreender as representações rupestres exige considerar o papel fundamental da imaginação na capacidade humana de comunicar-se por meio de imagens. Desde os primórdios, o homem demonstrou curiosidade e desejo de conhecer, e foi essa busca que impulsionou sua evolução (Gondim, 2012). Nesse processo, desenvolveu a arte de imaginar, elemento essencial para transformar per-

cepções em criações simbólicas. Para Chauí (2000), a imaginação, aliada ao conhecimento, permite ao ser humano não apenas reproduzir a realidade, mas também criar o que ainda não existe.

A busca pelo conhecimento envolve duas habilidades fundamentais: a percepção e a imaginação, que embora distintas, atuam de forma complementar. O homem observa o mundo ao seu redor e, na ausência do objeto, é capaz de recriá-lo mentalmente (Gondim, 2012). Nas representações rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, observam-se cenas de caça nas quais o homem ataca animais, evidenciando um processo imaginativo anterior à pintura, como pode ser observado na Figura 02. Para Chauí (2000), a imaginação, quando atua de modo reproduzidor, reflete acontecimentos reais ou objetos existentes. Assim, as figuras rupestres podem ser compreendidas como expressões da experiência cotidiana, nas quais o homem primitivo transformou a memória em imagem e a ação em arte.

**Figura 02** - Cena de caça no circuito serra branca.



**Fonte:** Foto da autora, 2025.

Podemos ainda interpretar as representações rupestres não como registros de eventos passados, mas como expressões da imaginação

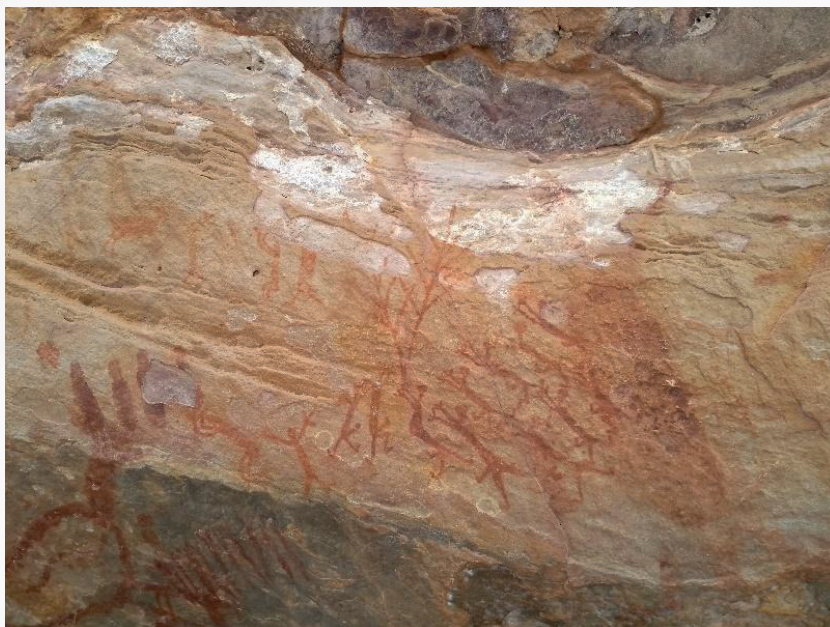


criadora do homem, que projetava ações futuras e raciocinava sobre a possibilidade de sua realização. Assim, as cenas de caça, por exemplo, podem ser compreendidas como uma forma de preparação ou treinamento simbólico para o ato real. Para Gondim (2012), a imaginação criadora manifesta-se justamente quando as ações ainda não ocorreram, mas o indivíduo concebe mentalmente sua possibilidade. Desse modo, a imaginação torna-se um recurso essencial para o homem questionar a realidade, traçar metas e promover seu próprio desenvolvimento social e cognitivo.

### 3.4 DEBATES SOBRE FIGURAS RUPESTRES E LINGUAGEM

A representação rupestre é um vestígio arqueológico encontrado em diversos locais do mundo. Consiste em gravuras, pinturas, motivos e lugares desenhados em estruturas naturais tais como paredes rochosas dos abrigos, cavernas e grutas, tetos, chão ou ainda em penhascos, mas também em afloramentos rochosos e blocos, em campo aberto (Whitley, 2005). A maior parte das representações rupestres brasileiras está concentrada nas regiões Centro e Nordeste, onde há suportes rochosos em calcários, quartzíticos ou de arenito, que proporcionam abrigos e grutas adequados para essa prática (Prous, 2007).

As figuras rupestres são consideradas elementos culturais de um determinado povo, visto que são expressões do modo de vida do grupo que habitavam a região (Rocha, 2019, p.65). As representações culturais encontradas nas figuras rupestres nos sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara expõe o modo de convivência com a natureza, onde são encontradas representações de árvores, sexo, caça, entre outros elementos culturais daquele povo, conforme podemos observar na Figura 03.

**Figura 03** - Representação rupestre no Sítio Entrada do baixão da vaca

**Fonte:** Foto da autora, 2025.

Inicialmente as representações rupestres foram classificadas a partir de uma categoria técnica mais evidente: o gravado e o pintado. O segundo passo foi classificar as representações e gravuras a partir do referencial do mundo sensível. Estas ordens reconhecíveis e não-reconhecíveis foram classificadas em tradições. São elas: Tradição Nordeste, Tradição Agreste e Tradição Geométrica. Posteriormente, estas tradições de caráter geral necessitaram ser particularizadas para que pudessem haver uma continuidade contextual que deveria estar presente nos estudos.

A cultura, segundo Lévi-Strauss (1989), é o que possibilita a organização social por meio de sistemas de significados criados, recriados e transmitidos coletivamente. Ela se expressa simbolicamente nos costumes e nas práticas humanas, configurando-se, conforme Mauss (1974), como um sistema simbólico construído de forma coletiva, já que ninguém simboliza isoladamente. Sob essa perspectiva, as representações rupestres podem ser compreendidas como projeções dos aspectos simbólicos de uma sociedade sobre o ambiente em que viveu.

Anne-Marie Pessis e Niède Guidon (2003) entendem que os tipos de figuras e as relações entre os grafismos nos painéis rupestres são determinantes na definição de uma tradição. Para Prous (2007), essa tradição representa a categoria mais ampla das unidades descritivas, marcada pela permanência de traços distintos e temáticos. Assim, as figuras rupestres podem ser compreendidas como elementos fundamentais na análise cultural dos povos da Capivara, pois evidenciam a importância dos símbolos na comunicação e na transmissão de saberes entre gerações.

As representações rupestres têm sido analisadas ao longo do tempo, sob diferentes modelos explicativos da arqueologia. Estão presentes em todos os Estados do Brasil e possuem considerável importância para a cultura humana. Parece-nos que as adaptações humanas aos meios ambientes diferentes espalhados pelo mundo estavam relacionadas com as cenas das representações rupestres ou ainda essas serviram para indicar o que se poderia fazer naquela região específica por onde transitavam os grupos produtores e usuários (Justamand, 2007, p.15).

Nas últimas décadas, um grande número de pesquisas envolvendo as representações rupestres têm se intensificado em todo Brasil. O estado do Piauí, mais precisamente em São Raimundo Nonato, é a região que apresenta um grande acervo de representações rupestres já pesquisadas. Também em outras regiões do Brasil podem ser encontrados vestígios.

As representações rupestres são percebidas como caracteres de escrita, comparáveis aos caracteres de outras escritas mundiais antigas, reflexo de um pensamento da época, uma mentalidade que frente ao desconhecido optou em compará-lo, fazer associações culturais com povos da antiguidade clássica, numa tentativa de reconhecer os códigos, decifrando o que os antigos tinham deixado como mensagem (Brandão, 1937, p.53).

As representações rupestres são compreendidas como parte de um sistema de comunicação, sendo uma forma de apresentação dos códigos do mundo de diversos grupos. Os conjuntos de grafismos representam a

inserção de informações das práticas culturais na interação social de uma sociedade ou comunidade. Para Pessis:

Independente das interpretações possíveis sobre a natureza das pinturas e gravuras, os registros rupestres são manifestações de uma forma de comunicação social. E como formas de comunicação estão em comunhão com outros implementos da cultura material dos grupos autores (PESSIS, 1992, p. 39).

As representações rupestres servem como marcadores de memória, tendo a função sociocultural de registrar, segundo convenções simbólicas, acontecimentos e atividades essenciais à sobrevivência. Todos os acontecimentos adquiridos, para serem considerados de caráter cultural devem ser transmitidos ou compartilhados pelos membros do grupo (Pessis, 1992).

Leakey (1995) afirma que o desenvolvimento da linguagem articulada e gestual, assim como alguns objetos da cultura material, fazem parte de um requisito essencial para que os humanos pudessem criar um mundo de ideias mutuamente compartilhadas, “capazes de criar novos tipos de mundo na natureza, sendo o mundo da consciência introspectiva e o mundo que construímos e dividimos com os outros”, o qual caracteriza a cultura de uma sociedade ou grupo.

O ser humano não age apenas guiado por impressões sensoriais, mas também segundo os significados compartilhados em seu meio social. Uma comunidade que convive e partilha da mesma cultura e linguagem seja gestual, oral ou simbólica tende a desenvolver o mesmo “jogo mental” (Bahn e Renfrew, 1998). Nesse contexto, os motivos da arte gráfica e os ornamentos corporais constituem material visual que expressa a concepção de mundo de cada grupo, revelando sua categorização social e cultural. Em síntese, tratam-se de manifestações simbólicas que refletem e reforçam a vida em sociedade (Vidal, 2000).

As representações rupestres entendidas como parte de um sistema de comunicação social fornecem informações sobre parte do comportamento dos grupos, sendo representados a partir da ideia da composição

dos seus códigos. Os marcadores estilísticos e temáticos são resultados de pensamentos e da compreensão do mundo a que pertence o autor do registro.

Analisando as representações rupestre no complexo de sítios do Parque nacional Serra da Capivara, podemos perceber que muitas figuras são recorrentes ou semelhantes em um número considerável de sítios, muitas vezes distantes geograficamente e com aspectos naturais diferentes, como pode ser observado nas Figuras 04, 05 e 06.

**Figura 04** - Cena costa com costa no Sítio Entrada do Pajaú



**Fonte:** Foto da autora, 2025.

Nesse contexto podemos classificar as representações como um signo linguístico. Os povos que habitavam a região, esculpam, desenhavam e pintavam pictogramas, baseados em representações bastante simplificadas, dos objetivos da sua realidade. Nas artes rupestres descreviam sua vida cotidiana, suas conquistas e animais.

A cena costa com costa é a representação de dois antrópodes um de costa para o outro, em posição de agachamento, encontrado em

alguns sítios arqueológicos com características idênticas e em outros com semelhanças. Um elemento de diferença é o marcar em formato de seta/tridente, o que alguns arqueólogos consideram como representação sexual, visto que em muitas representações rupestre essa figura está associada junto as cenas de sexo.

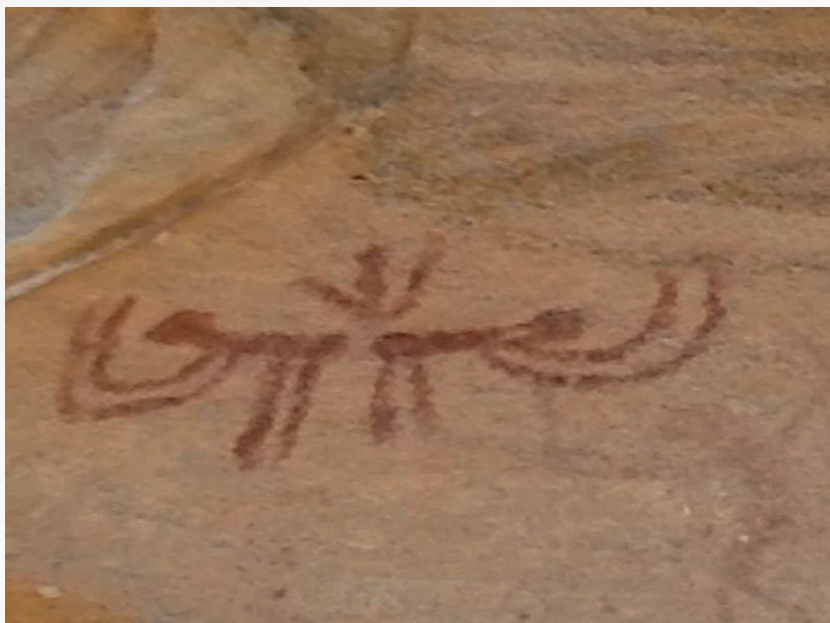
**Figura 05** - Cena costa com costa no Sítio Paraguaio



**Fonte:** Foto da autora, 2025.

O registro visual nessa pesquisa identificou particularidades das feições sociais e simbólicas, sendo representadas similaridades e diferenças nas estruturas dos antropomorfos nas cenas. Com um número significativo de imagens que são recorrentes o que podemos classificar como um signo linguístico dos povos da Capivara.

**Figura 06** - Cena costa com costa no Sítio Baixão das mulheres II.



**Fonte:** Foto da autora, 2025.

Outra representação que possui grande recorrência é a figura da árvore, como pode ser observado na Figura 07. Geralmente composto de um ritual sendo realizado ao redor de um ramo de árvore, mas ao longo do tempo, vai ganhando traços mais elaborados e surgem novos personagens na cena.

**Figura 07** - Representação de cenas de árvore encontradas em sítios diferentes



**Fonte:** Evolução emblemática da representação da cena da árvore. MARTIN, 1998.

As chamadas “cenas da árvore” de acordo com Martin (1998) podem ser consideradas como “logotipos” da Tradição Nordeste e são encontra-

das tanto na Serra da Capivara, como na área arqueológica do Seridó, duas áreas arqueológicas que se encontram separadas por centenas de quilômetros.

A cena, como já descrita anteriormente, é composta por antropomorfos, solitários ou em grupo, ao redor de uma árvore, sempre com as mãos levantadas, como se estivessem representando um ritual, uma dança. A dança nas representações rupestres, quando representadas de forma coletiva, denota um estado de euforia, de comunicação com uma divindade (Justamand, 2007).

Para Pessis (1992) as modalidades de apresentação social exclusiva dos grupos originários fazem parte da maneira de representar graficamente o mundo sensível. Existem dois tipos de apresentação, a *miseenscène* e a representação gráfica, ou, pintura. Em termos de comunicação as representações rupestres compreendida como registro gráfico se articula no sentido de demonstrar um fato ou uma situação, exatamente como o autor o percebe e deseja. “O autor age sobre a realidade representada, a manipula, a arranja de maneira espontânea segundo seu prazer, o segundo seus desejos” (Pessis, 1992). Para criar graficamente o autor recorre aos meios da *miseenscène*,

[...]o que lhe permite salientar certos componentes da apresentação e de relegar outros, de maneira a estabelecer contrastes, e a orientar a atenção do observador sobre o que, para ele, autor é o essencial. Na apresentação gráfica ele manipula a informação e comunica o que ele deseja; desse modo ele tem o poder de criar realidades que são percebidas pelo observador como realidades verdadeiras (PESSIS, 1992).

Desta forma, considera-se plenamente que as representações rupestres no ato de sua criação foram submetidas à intencionalidade do autor. Esta intencionalidade perpassa o plano da temática, e o da técnica. Ao observar a representação rupestre esta intencionalidade, no que tange a temática representada é imediatamente identificada, principalmente, porque reflete uma escolha. Uma escolha que existiu, inicialmente, antes de existir no plano material, e a partir do momento que a temá-

tica escolhida passa a existir no plano material, conseqüentemente se revela a intensão. No que concerne à técnica de execução, é necessária uma análise mais criteriosa, porque a técnica não exige somente escolha e intencionalidade, mas também planejamento, movimento, tempo e recursos.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir uma narrativa que relaciona as representações rupestres à comunicação, constatou-se que essa interpretação é possível à luz das teorias da semiótica social. Nessa perspectiva, percebe-se que os povos da Capivara desenvolveram um sistema próprio de expressão simbólica, utilizando signos gravados nas rochas do Parque Nacional Serra da Capivara para representar aspectos de seu cotidiano. Esses registros visuais, marcados por recorrências e semelhanças, configuram um verdadeiro meio de comunicação ancestral, repleto de significados que ainda hoje despertam reflexão sobre a linguagem, a cultura e a memória coletiva.

Ao longo deste estudo, buscou-se compreender as representações rupestres da Serra da Capivara como uma forma primitiva, porém complexa, de comunicação. A análise, fundamentada nas teorias da semiótica social, permitiu identificar nas gravuras e pinturas rupestres uma linguagem simbólica construída coletivamente, que expressa crenças, costumes e experiências de um povo. Essas marcas visuais demonstram que o ser humano, desde suas origens, desenvolve modos de representar o mundo e compartilhar significados por meio de signos.

Percebeu-se que os povos da Capivara criaram um sistema próprio de expressão simbólica, gravando nas rochas imagens que retratam cenas do cotidiano, rituais e interações sociais. Esses registros não apenas documentam um modo de vida, mas também revelam uma forma de pensamento e comunicação visual que transcende o tempo. As recorrências e semelhanças entre os símbolos indicam a existência de convenções

culturais e cognitivas que sustentavam a compreensão coletiva dessas representações.

Assim, as figuras rupestres configuram um autêntico meio de comunicação ancestral, no qual a arte e a linguagem se fundem para transmitir ideias e preservar memórias. Repletas de significados, elas continuam a inspirar reflexões sobre a relação entre imagem, cultura e linguagem, convidando-nos a reconhecer nas rochas da Serra da Capivara não apenas vestígios do passado, mas testemunhos vivos da capacidade humana de criar, simbolizar e comunicar.

## REFERÊNCIAS

BAHN, Paul; RENFREW, Colin. **Arqueología: Teorías, Métodos, y práctica**. Madrid: Editora Akal, 1998.

BRANDÃO, A. **A Escripta Pré-histórica do Brasil (Ensaio de Interpretação)**. 269p. Bibliotheca de Divulgação Científica, Vol. XI. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A. 1937.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

CHAUÍ, Marilene. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

CINTRA, Ana Maria et al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis: APB, 1994.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

GONDIM, Caline Galvão. **Pinturas Rupestres: a representação da imaginação do homem primitivo**. Revista Temática. Ano VIII, n. 04 - 2012.

GUIDON, N. IN PESSIS, A-M. **“Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara”**. São Paulo: FUMDHAM/ PETROBRÁS. 2003.

HALLIDAY, Mark. **A linguagem como semiótica social**. Londres, Reino Unido: Edward Arnold, 1978.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. London: Polity Press, 1988.

JUSTAMAND, Michel. **Pinturas rupestres do Brasil: uma pequena contribuição**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2007.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Arnold, 2001.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Trad. Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1989.

MARTIN, Gabriela. **Registro rupestre e registro arqueológico no nordeste do Brasil**. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1998.

MAUSS, M. **“As Técnicas Corporais”**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU. 1974.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PESSIS, Anne-Marrie. **Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil**. CLIO Arqueológica, Recife, n. 8, p. 35-68. 1992.

PETTER, Margarida. **Linguagem, língua e linguística**. In: Introdução à linguagem / José Fiorin (org.) 6. Ed. Revista e atualizada. São Paulo: Contexto, 2010.

PROUS, A. **“Artes Pré-históricas do Brasil”**. Ed. C/ Arte Belo Horizonte, MG. 2007.

ROCHA, Josimar C. **Breve História da Arqueologia no Sertão do Piauí 1970 -1993**. [Dissertação de Mestrado]. 110p. Salvador: UFBA, Pós-graduação em Educação, Filosofia e História das Ciências. 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica?** Brasiliense: São Paulo, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTOS, Zaira Bomfante dos; PIMENTA, Sônia Maria Oliveira. **Da Semiótica Social à Multimodalidade: a orquestração de significados**. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v.12, n.2, 2014, p. 295-324.

SAUSSURE, Ferdinando. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

VAN LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. London: Routledge, 2005.

VIDAL, Luz (Organizadora). **Grafismo Indígena**: Estudos de antropologia estética. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

WHITLEY, D. **“Introduction to Rock Art Research”**. California: Left Coast Press, 2005.